

## 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

XIV colóquio da lusofonia - Bragança, Portugal  
27 setembro – 2 outubro 2010-  
Apoio CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA



### 1. Protocolos e Parcerias:

ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA  
CÂMARA MUNICIPAL DA LAGOA (AÇORES)  
DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES, PRESIDÊNCIA GOVERNO  
REGIONAL DOS AÇORES  
UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL  
ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL  
ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, PORTUGAL  
ESTH, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL  
LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL  
UNIVERSIDADE MACKENZIE DE SÃO PAULO, BRASIL

ISBN 978-989-95891-5-5



### Organização:

CD / DVD GRAVADO E VERIFICADO POR JOÃO CHRYSTELLO

### 2. Temas Bragança 25 set – 2 outº 2010

ANFITEATRO DR PAULO QUINTELA Rua ABÍLIO BEÇA Bragança, Portugal  
([mapa aqui](#))

#### 1. HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:

Recordar autores lusófonos (convidado VASCO PEREIRA DA COSTA)

#### 2. LUSOFONIAS:

2.1. A herança islâmica portuguesa

2.2. Marranos ou conversos, judeus e cripto-judeus em Portugal

2.3. Influências culturais africanas em Portugal de 1380 a 2010

2.4. Questões e raízes da Lusofonia.

2.5. 2º Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico de 1990

2.6. Língua Portuguesa como língua segunda e como língua estrangeira

2.7. Língua e Literatura Portuguesa no Mundo.

2.8. Lusofonias e Insularidades

2.9. Literaturas africanas de língua português

#### 3. TRADUÇÃO:

3.1. Tradução de autores portugueses no estrangeiro. Tradutores e autores

3.2. Tradução Monocultural e intercultural

3.3 Tecnologias e Tradutologia

#### DINAMIZAR PROJETOS dos Colóquios da Lusofonia

1. Museu Da Língua/Museu Virtual Da Lusofonia

2. Estudos Açorianos, Curso Breve De Estudos Açorianos, Cadernos De Estudos Açorianos

3. Lexicopédia (Diciopédia Contrastiva) Da Língua Portuguesa

4. Crioulos De Origem Portuguesa, Criação De Uma Base De Dados

5. Outros projetos

### 3. Oradores, Presenciais & Convidados 2010

Nome, instituição, título

Tema

	Nome, instituição, título	Tema	
1.	<a href="#">ALEXANDRE BANHOS</a> FUNDAÇÃO MEENDINHO GALIZA	SOBRE MENTIRAS E ENGANOS: O CASTELHANO NA GALIZA.	2.7
2.	<a href="#">ANA PAULA ANDRADE</a> CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE PONTA DELGADA, AÇORES	<a href="#">RECITAL MUSICAL</a>	-
3.	<a href="#">ANABELA MIMOSO</a> UNIV. LUSÓFONA HUMANIDADES TECNOLOGIA PORTO PORTUGAL	LUSOFONIA E AÇORIANIDADE: ENTRE O GLOBAL E OS PARTICULARISMOS	2.8
4.	<a href="#">ANABELA NAIÁ SARDO</a> INSTITUTO POLITÉCNICO GUARDA, PORTUGAL	OS ANJOS E OUTRAS TEMÁTICAS RECORRENTES NA OBRA DE ANA TERESA PEREIRA	1
5.	<a href="#">ÂNGELO CRISTÓVÃO</a> ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA	O PAPEL DA AGLP NO ESPAÇO LUSÓFONO".	2.4
6.	<a href="#">ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ</a> por Luís Gonçalves Blasco ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA	AS EPÍGRAFES DO "SONETÁRIO" INVENÇÃO DO MAR, INÉDITO DE JENARO MARINHAS DEL VALLE.	2.7

7.	<a href="#">CAIO CHRISTIANO</a>	UNIVERSIDADE DE POTIERS, FRANÇA	MALUMA, TAKETE, BOLACHA E TABLETE.	2.4
8.	<a href="#">CARLA GUERREIRO</a>	ESC. SUP. EDUCAÇÃO, INST.º POLITÉCNICO BRAGANÇA PORTUGAL	CAMINHOS ATUAIS DA ESCRITA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA	2.7
9.	<a href="#">CARLOS ROCHA</a>	ESC. SEC. CACILHAS-TEJO CIBERDÚVIDAS PORTUGAL	ELEMENTOS ÁRABES NA HIDRONÍMIA PORTUGUESA	2.1
	CECÍLIA FALCÃO	Esc. SEC MIGUEL TORGA BRAGANÇA, PORTUGAL	ASSESSORA DOS COLÓQUIOS	
10.	<a href="#">CHRYSTELLO</a>	PRESIDENTE COMISSÃO EXECUTIVA COLÓQUIOS AUSTRÁLIA	DAS CRISTANDEDES CRIOULAS LUSÓFONAS DO ORIENTE À LITERATURA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA	2.8
11.	<a href="#">CONCHA ROUSIA</a>	ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA	PODER E RESPONSABILIDADE	2.4
12.	<a href="#">EDMA SATAR</a>	INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIV. LISBOA PORTUGAL /MOÇAMBIQUE	O SENTIMENTO DE TRISTEZA NA PROSA DE RUI DE NORONHA	2.9
	ELISA RAMOS	ESC. SEC. AUGUSTO MORENO BRAGANÇA PORTUGAL	ASSESSORA DOS COLÓQUIOS	
13.	<a href="#">ELISETE ALMEIDA</a>	UNIVERSIDADE DA MADEIRA, CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE ARTES E HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA	CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA VERBAL EM «LE PETIT PRINCE» DE SAINT-EXUPÉRY E NA TRADUÇÃO PORTUGUESA	3.1
14.	<a href="#">EVANILDO BECHARA</a>	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS/PATRONO BRASIL	ACORDO ORTOGRÁFICO 1990	2.5
	FLORIZA CANDEIAS	KORSANG DI MELAKA, MALÁSIA	PRESENCIAL	-
15.	<a href="#">FRANCISCO MADRUGA</a>	EDITORA CALENDÁRIO, PORTUGAL	<a href="#">EXPOSIÇÃO DE LIVROS DE AUTORES PORTUGUESES</a>	-

16.	<a href="#">HELENA CHRYSTELLO</a>	VICE-PRESIDENTE COMISSÃO EXECUTIVA COLÓQUIOS AÇORES	--	--
17.	<a href="#">ILYANA CHALAKOVA</a>	UNIVERSIDADE DE SÓFIA ST. KLIMENT OHRIDSKI SÓFIA BULGÁRIA	MONSTRUOSIDADE? O EXERCÍCIO DE PODER SOBRE O CORPO E AS VARIADAS MORTES NO TEATRO MÍTICO DE HÉLIA CORREIA	2.7
18.	<a href="#">IOVKA TCHOBANOV A</a>	FACULDADE DE LETRAS DA UNIV. LISBOA/ BULGÁRIA	OS FRASEOLOGISMOS PORTUGUESES DA EMBRIAGUEZ E OS SEUS EQUIVALENTES FUNCIONAIS NA LÍNGUA BÚLGARA	3.2
	JOÃO CABRITA	ESC. SEC. AUGUSTO MORENO BRAGANÇA PORTUGAL	PRESENCIAL	
19.	<a href="#">JOÃO CHRYSTELLO</a>	COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AÇORES	ASSESSOR TÉCNICO	-
20.	<a href="#">João MALACA CASTELEIRO PATRONO</a>	ACADEMIA DAS CIÊNCIAS /FLUL LISBOA, PATRONO PORTUGAL	ACORDO ORTOGRÁFICO 1990	2.5
21.	<a href="#">JOHN REX AMUZU GADZEKPO</a>	CEL UNIV. DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, VILA REAL, GANA	“NOÇÃO DE NAÇÃO PÓS-COLONIAL EM O CÃO E OS CALUANDAS DE PEPETEIA”	2.9
22.	<a href="#">LUÍS GAIVÃO</a>	UNIV LUSÓFONA HUMANIDADES TECNOLOGIA LISBOA PORTUGAL	A CRIATIVIDADE EXPRESSIVA NA OBRA DE MANUEL RUI.	2.9
	LUÍSA TIMÓTEO	KORSANG DI MELAKA, MALÁSIA	PRESENCIAL	-
23.	<a href="#">LURDES ESCALEIRA</a>	INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, RP CHINA	MACAU: DUAS DÉCADAS DE ENSINO SUPERIOR	2.6
24.	<a href="#">Mª DO CARMO MENDES</a>	DEPT ESTUDOS PORTUGUESES UNIVERSIDADE MINHO BRAGA PORTUGAL	AS VERDADES DA HISTÓRIA NA SINGULAR VISÃO DO CABO-VERDIANO GERMANO ALMEIDA	2.9

25.	<a href="#">M<sup>a</sup> ROSA ADANJO CORREIA</a>	CLEPUL CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS UNIV LISBOA, PORTUGAL	REFLEXÕES EM TORNO DAS TRADUÇÕES ITALIANA E INGLESA DE A VARANDA DO FRANGIPANI	3.1
26.	<a href="#">MANUEL J. SILVA</a>	UNIVERSIDADE MINHO, BRAGA PORTUGAL	DA LATINIDADE À ROMANIDADE OU A PROCURA DA GÉNESE NACIONAL	2.4
27.	<a href="#">MILENA GARRÃO</a>	UNIV FEDERAL RURAL RIO BRASIL	MORFOLOGIA SUFIXAL LUSÓFONA: ANÁLISE CONTRASTIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU	2.7
28.	<a href="#">SEBASTIÃO SILVA FILHO</a>	CLUNL CENTRO LINGÜÍSTICA UNIV. NOVA LISBOA BRASIL	MORFOLOGIA SUFIXAL LUSÓFONA: ANÁLISE CONTRASTIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU	2.7
29.	<a href="#">VIOLETA QUENTAL</a>	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA RIO DE JANEIRO BRASIL	MORFOLOGIA SUFIXAL LUSÓFONA: ANÁLISE CONTRASTIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU	2.7
	PAULA BENTO	AÇORES	SECRETARIADO COLÓQUIOS	-
30.	<a href="#">PAULA LIMÃO</a>	UNIVERSIDADE DE PERUGIA ITÁLIA	A AQUISIÇÃO DAS ESTRUTURAS TEMPORAIS E ASPETUAIS DO PORTUGUÊS LE POR APRENDENTES ITALIANOS	2.6
31.	<a href="#">PERPÉTUA SANTOS SILVA</a>	CENTRO INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA CIES/ISCTE/ FUNDAÇÃO ORIENTE MACAU	NARRATIVAS DA DIFERENÇA. UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE MACAU	2.7
	Raquel Machado	Univ Aveiro Portugal, AÇORES	<a href="#">RECITAL MUSICAL</a>	
	REGINA	EUA	PRESENCIAL	-

	BEEKMAN			
32.	<a href="#">RENATO EPIFÂNIO</a>	MIL - MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO, LISBOA PORTUGAL	A VIA LUSÓFONA APRESENTAÇÃO DA REVISTA NOVA ÁGUIA	2.4
33.	<a href="#">RITA ARALA CHAVES</a>	INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA PORTUGAL	EÇA TRADUTOR, OU A METAMORFOSE LITERÁRIA DE “AS MINAS DE SALOMÃO”	3.1
34.	<a href="#">ROLF KEMMLER</a>	DEPTº LETRAS, CEL ARTES E COMUNICAÇÃO, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, VILA REAL, PORTUGAL	O PAPEL DO SEGUNDO PROTOCOLO AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990 NA HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA	2.5
35.	<a href="#">ROSÁRIO GIRÃO</a>	UNIVERSIDADE MINHO, BRAGA PORTUGAL	ABÍLIO, FERNANDO, GIBICAS E ADRIANO: A AÇORIANIDADE NO ENTRE CÁ E LÁ...	1
36.	<a href="#">RUI DIAS GUIMARÃES</a>	DEPTº LETRAS, CEL UNIV. DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, VILA REAL, PORTUGAL	O BARROSÃO, INSULARIDADE NA INTERIORIDADE. ASPETOS ETNOLINGÜÍSTICOS E ETNOCENTRISMO	2.8
37.	<a href="#">SOLANGE PINHEIRO</a>	UNIVERSIDADE SÃO PAULO BRASIL	TRADUÇÃO MONOCULTURAL E INTERCULTURAL: LÉXICO REGIONALISTA NA LITERATURA DO SÉCULO XX NO BRASIL – A BAGACEIRA E O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO	3.1
	TERESA SANTOS FERREIRA	TRADUTORA FREELANCE PORTUGAL	PRESENCIAL	-
38.	<a href="#">VÂNIA REGO</a>	UNIVERSIDADE POITIERS FRANÇA	“HOJE O TEMPO NÃO ME ENGANOU” TEMPORALIDADE NO ROMANCE <i>NENHUM OLHAR</i> DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO	2.7
39.	<a href="#">VANISE MEDEIROS</a>	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE RIO	BRASILEIRISMOS: UMA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SUJEITO	2.7

		DE JANEIRO BRASIL	NACIONAL	
40.	<a href="#">VASCO PEREIRA DA COSTA</a>	ESCRITOR, AÇORES	ESCRITOR CONVIDADO 2010	1

**17 PAÍSES E REGIÕES REPRESENTADOS:**  
**AÇORES, ALEMANHA, AUSTRÁLIA, BRASIL, BULGÁRIA EUA, FRANÇA, GALIZA, GANA, HOLANDA, ITÁLIA, MACAU (R P CHINA), MADEIRA, MALACA (MALÁSIA), MOÇAMBIQUE, NIGÉRIA, PORTUGAL**



**ANTES DE IMPRIMIR PENSE SE REALMENTE É NECESSÁRIO, POIS O MEIO AMBIENTE AGRADECE!**

#### 4. HORÁRIO FINAL

**DIA 25 setembro 2010 sábado**

**2º SEMINÁRIO DE LEXICOLOGIA Academia Galega Da Língua Portuguesa**

10.00-20.00	Sala de Conferências Fundación Caixa Galicia, Rua do Vilar, Santiago de Compostela. Galiza.
-------------	---

Inscrições: pro@aglp.net [programa final aqui](#)

**DIA 25 setembro 2010 sábado**

**BRAGA UNIVERSIDADE MINHO - CAMPUS DE GUALTAR, BLOCO PEDAGÓGICO 1 SALA DE ATOS DO INSTITUTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS** [VER MAPA](#) [Mapas e Indicações úteis](#)

10.00	<b>ABERTURA OFICIAL DO CURSO BREVE AÇORIANIDADES E INSULARIDADES</b> Prof. Dra. Eduarda Keating, Chrys Chrystello, Prof. Dr Malaca Casteleiro, Prof. Dra. Rosário Girão, Prof. Dra. Anabela Mimoso e outros
13.00	ALMOÇO

**DIA 26 SETEMBRO 2010 DOMINGO LIVRE**

**DIA 27 SETEMBRO 2010 BRAGANÇA 2ª fª**

17.00	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
17.00	<b>ABERTURA DA MOSTRA DE LIVROS</b>
17.30	<b>SESSÃO DE ABERTURA</b> Discursos: Presidente da CMB (Câmara Municipal de Bragança) e do Presidente da Comissão Executiva dos Colóquios
18.00	<b>LANÇAMENTO LITERÁRIO - Anabela Mimoso "Contos Populares Açorianos (Teófilo Braga) e livro infantil (sobre o que é ser ilhéu) - "Aquele palavra mar..." Apresentação de ROSÁRIO GIRÃO "Da arte de bem contar" lida por Mário Moura"</b> Vasco Pereira da Costa apresentado por Francisco Madruga editora
18.15	Calendário das Letras
18.30	Apresentação do Boletim N.º 3 e outras Obras da Academia Galega da Língua Portuguesa
18.45	Apresentação de Chrys Chrystello: os colóquios da lusofonia como embaixadores de culturas, ponte entre Bragança, Açores e Macau:

	visionamento de 3 documentários curtos
19.15	<b>SESSÃO CULTURAL PARALELA 1 MÚSICA AÇORIANA: PIANO ANA PAULA ANDRADE</b> (Conservatório de Ponta Delgada) E SOLISTA RAQUEL MACHADO Universidade de Aveiro
20.00	Jantar

**DIA 28 SETEMBRO 2010 3ª fª**

09.30	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
09.30	<b>MOSTRA DE LIVROS</b> Anabela Mimoso e Vasco Pereira da Costa por Francisco Madruga ed. Calendário Das Letras
10.00	<b>LANÇAMENTO LITERÁRIO - Mário Moura "Cinco Vidas: Esboços de retratos: em construção"</b> . Apresenta ANABELA MIMOSO. Com estes cinco, 'com vidas quase tão largas como compridas,' poderei esboçar retratos suaves de Ezequiel Moreira da Silva, Manuel Barbosa, Jorge de Melo Gamboa de Vasconcelos, Manuel Joaquim da Silva Costa Leite e Edmundo Manuel Garcia Machado d'Oliveira.
10.15	<b>SESSÃO 1 TEMA 2.7. LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO</b> <b>MODERADOR: MÁRIO MOURA</b> <b>ORADOR 1</b> MILENA GARRÃO/SEBASTIÃO SILVA FILHO/Violeta Quental BRASIL <b>ORADOR 2</b> VANISE MEDEIROS, BRASIL
10.45	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 15 MINUTOS
11.15	<b>SESSÃO 2 TEMA 3 TRADUÇÃO</b> <b>MODERADOR: CONCHA ROUSIA</b> <b>ORADOR 3</b> ELISETE ALMEIDA, Madeira <b>ORADOR 4</b> IOVKA TCHOBÁNOVA, Bulgária <b>ORADOR 5</b> ROSA ADANJO CORREIA Portugal
12.15	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA PARA ALMOÇO
13.15	PAUSA PARA ALMOÇO
15.15	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
15.30	<b>SESSÃO 3 TEMA 3 TRADUÇÃO</b> <b>MODERADOR: ANABELA MIMOSO</b> <b>ORADOR 6</b> RITA ARALA CHAVES, Portugal <b>ORADOR 7</b> SOLANGE PINHEIRO, Brasil
16.00	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 15 MINUTOS
16.30	<b>SESSÃO 4 TEMA 2.7. LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO</b> <b>MODERADOR: VASCO PEREIRA DA COSTA</b> <b>ORADOR 8</b> Portugal LURDES ESCALEIRA Macau <b>ORADOR 9</b> CARLA GUERREIRO, Portugal
17.00	DEBATE e Visionamento vídeo Macau por LURDES ESCALEIRA
18.00	JANTAR

**DIA 29 SETEMBRO DE 2010 4ª fª**

10.00-13.00	<b>SESSÃO CULTURAL PARALELA 3: SEMINÁRIO NAS ESCOLAS (AUDITÓRIO DA ESCOLA MIGUEL TORGA incl. MOSTRA DE LIVROS</b> Anabela Mimoso e Vasco Pereira da Costa por Francisco Madruga ed. Calendário das Letras
13.15	PAUSA PARA ALMOÇO

15.15	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
15.30	SESSÃO 5 PLENÁRIA – TEMA 2.5. ACORDO ORTOGRÁFICO MODERADOR: CHRYS CHRYSTELLO ORADOR 10 ROLF KEMMLER, Alemanha (15 MINUTOS) ORADOR 11 EVANILDO BECHARA (20 MINUTOS CADA) ORADOR 12 JOÃO MALACA CASTELEIRO (20 MINUTOS CADA)
16.30	DEBATE
16.45	LANÇAMENTO LITERÁRIO - Apresentação da Revista Nova Guia, Renato Epifânio, MIL. – Movimento Internacional Lusófono
17.00	PAUSA 15 MINUTOS
17.15	SESSÃO 6 TEMA 1/2.7 Língua/Literatura Portuguesa No Mundo MODERADOR: MANUEL JOSÉ SILVA ORADOR 13 ANABELA NAIA SARDO, Portugal ORADOR 14 VÂNIA REGO, França ORADOR 15 CAIO CHRISTIANO, França
18.15	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 15 MINUTOS

**DIA 30 SETEMBRO 2010 5ª fª**

08.30	SESSÃO CULTURAL PARALELA 5 - Passeio Lúdico Cultural. Castelo, Museu Militar E Da Máscara, Cidadela, Rio De Onor
10.30	PAUSA PARA ALMOÇO
13.15	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
15.15	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
15.30	SESSÃO 7 PLENÁRIA tema 2.8 Lusofonias/Insularidade/Açorianidade. MODERADOR: CONCHA ROUSIA VÍDEO HOMENAGENS X 4: CONTRA O ESQUECIMENTO: 30' (DANIEL DE SÁ, DIAS DE MELO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR E VASCO PEREIRA DA COSTA) ORADOR 16 ANABELA MIMOSO, Portugal (20 MINUTOS) ORADOR 17 CHRYS CHRYSTELLO, AUSTRÁLIA (20 ' ) ORADOR 18 ROSÁRIO GIRÃO, Portugal (20') ORADOR 19 VASCO PEREIRA da COSTA, Açores <b>Escritor Homenageado</b>
17.15	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 5 MINUTOS
17.30	SESSÃO 8 TEMA 2.4 QUESTÕES/RAÍZES DA LUSOFONIA MODERADOR: ROSÁRIO GIRÃO ORADOR 20 CONCHA ROUSIA Galiza ORADOR 21 MANUEL J. SILVA Portugal
18.00	DEBATE PAUSA 15 MINUTOS
18.30	SESSÃO CULTURAL PARALELA 8 sessão especial de poesia (Concha Rousia e outros)

**DIA 1 OUTUBRO 2010 6ª fª**

09.00	SESSÃO CULTURAL PARALELA 7 Visita Museu Etnográfico Dr Belarmino Afonso, Museu de Arte Contemporânea Graça Morais, Museu Abade Baçal.
12.15	PAUSA PARA ALMOÇO
15.15	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES
15.30	SESSÃO 9 TEMA 2.6 LÍNGUA PORTUGUESA L2 LE

	MODERADOR: ÂNGELO CRISTÓVÃO ORADOR 22 PAULA LIMÃO Itália ORADOR 23 RUI DIAS GUIMARÃES Portugal ORADOR 24 PERPÉTUA SANTOS SILVA ORADOR 25 ALEXANDRE BANHOS, Galiza,
16.30	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 15 MINUTOS
17.15	SESSÃO 10 TEMA 2.1. A HERANÇA ISLÂMICA PORTUGUESA TEMA 2.4 QUESTÕES E RAÍZES DA LUSOFONIA MODERADOR: ANABELA MIMOSO ORADOR 26 ÂNGELO CRISTÓVÃO Galiza ORADOR 27 CARLOS ROCHA Portugal ORADOR 28 ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ Galiza
18.00	DEBATE PAUSA 15 MINUTOS

**DIA 2 OUTUBRO 2010 SÁBADO**

09.30	SECRETARIADO: ACREDITAÇÃO DE PARTICIPANTES MOSTRA DE LIVROS Anabela Mimoso e Vasco Pereira da Costa por Francisco Madruga ed. Calendário Das Letras
10.30	SESSÃO 11 TEMA 2.9 Literatura Africana De Língua Portuguesa MODERADOR: HELENA CHRYSTELLO ORADOR 29 Mª CARMO MENDES Portugal ORADOR 30 LUÍS GAIVÃO Portugal ORADOR 31 JOHN REX GADZEKPO Gana ORADOR 32 EDMA SATAR Moçambique
11.30	DEBATE SEGUIDO DE PAUSA 15 MINUTOS
12.00	PAUSA PARA ALMOÇO
15.30	SESSÃO 12 TEMA 2.8 LUSOFONIAS E INSULARIDADES. MODERADOR: CHRYS CHRYSTELLO ORADOR 33 ILYANA CHALAKOVA Bulgária
15.45	DEBATE PAUSA 15 MINUTOS
16.00	SESSÃO 13 CONCLUSÕES E PROPOSTAS MODERADOR: CHRYS CHRYSTELLO APRESENTAÇÃO PROJETO DICIOPÉDIA, EDMA SATAR CONCLUSÕES E PROPOSTAS FUTURAS. Presidente da Comissão Executiva, Representantes Academias, Convidado
17.00	ATRIBUIÇÃO DO 4º PRÉMIO LITERÁRIO DA LUSOFONIA
17.30	ENCERRAMENTO OFICIAL DAS SESSÕES

**MODERADORES DAS SESSÕES:**

1) ANABELA MIMOSO	2) HELENA CHRYSTELLO
3) ÂNGELO CRISTÓVÃO	4) MANUEL J. SILVA
5) CHRYS CHRYSTELLO	6) MÁRIO MOURA
7) CONCHA ROUSIA	8) ROSÁRIO GIRÃO
9) EDMA SATAR	10) VASCO PEREIRA da COSTA

## 6. sinopses

### 1. ALEXANDRE BANHOS, Fundação Meendinho

#### **Tema 2.7 Sobre Mentiras e Enganos: Desmontando as meias verdades, mentiras e enganos, sobre a história do castelhano na Galiza.**

Leitor, abre os olhos, vou-te falar claro de meias-verdades, mentiras, enganos e trolas

*"Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade"*

*Cínica frase do dirigente nazi alemão Josep (lindo nome judeu) Goebbels, responsável pela propagação nazi, afirmando o que já muitos sabiam desde os tempos mais recuados.*

Na Galiza temos meias-verdades, mentiras, enganos e trolas, que de tanto repetidas formam parte já do pensamento coletivo de todo o espectro social em muito boa medida, é dizer do jeito popular e socializado de olharmos a nos nós próprios, e que compartilham o ferreiro da forja, o professor e os dirigentes políticos, e formam parte das verdades que desde a Galiza se difundem no mundo sobre nós.

Vou já que logo apanhar essa meia-verdade, engano, autoengano e trola que está um pouco por toda parte com distinta intensidade, trajada as vezes com os mais diversos tecidos e apresentada sob muitas formas, mas sendo ela mesma na essência em todo lado -e isso sim, sempre falsa.

De essa verdade goebbelina de que vou falar, quicá fosse o seu máximo difusor autoanémico o professor Alonso Montero ([não sei se haveria que falar das três verdades!](#)), pois a ela dedicou muitos dos seus esforços professorais, e quando foi bater na faculdade de filologia de Compostela, essa verdade informava toda a formação dos seus alunos, sem nunca ser firmemente questionado. Mas não foi ele o único, o rasto desse delito e engano ao nosso povo, pode ser rastreada até em modernos textos reintegracionistas, o que nos fala do seu sucesso.

Eis a meia-verdade, da que se tem tirado muito proveito pelo estatualismo linguístico e pelo jeito "submerso permanente e normal" da nossa inserção no espaço do estado espanhol. Eis a meia-verdade falsa

*O Castelhana começou a se introduzir na Galiza na baixa Idade Média - praticamente desde que a dinastia galega passou a ser reinante em Castela, (Fernando III, Afonso X, Sancho IV.) pois isso levou a que os castelões acederem a postos na Igreja e na política galega, e acabou assim o castelhano por se converter na língua da classe dirigente, a na única língua oficial. Por tanto na Galiza há já desde o fim da idade média um convívio de duas línguas, e parte dos galegos -os da classe dominante exprimiam-se desde bem cedo em castelhano e o povo - popular - em galego mantendo-se só este último fiel à sua língua própria.*

Isto está no que exprime a RAG -e todos os seus membros - desde o presidente -; fornece-se desde as nossas universidades, está no que figura nos textos escolares de socialização da estatização linguística, está na base de formação de todos os elementos normalizadores da língua, está um pouco por todo lado e oculta o processo vivido na Galiza de colonização, banimento e menorização, como se este fosse uma - simples - gradação existente já de longa data, entre duas línguas, e as duas usadas pelo nosso povo

Esta mentira do convívio no nosso povo de duas línguas, não foi criada pelo galeguismo. Não o achareis em nenhum texto dos nossos recuperadores e devanceiros, tão pouco aparece em nenhum texto galeguista de antes da guerra, -

sim que aparece ainda sem estar muito elaborada nalgum espanholista a pescar - e dessa pesca pode-se rastejar a isca nos mocós das lesmas e vermes que alguma vez se apreijam no jornal *A Nosa Terra*.

Depois da guerra, isso passou-se a ser uma tautologia do pinheirismo com distintas gradações, e que a universidade compostelã acabou convertendo em dogma.

Pois eu digo-vos, com todas as letras, que isso é mentira, **é absoluta e radicalmente falso** que parte do povo galego adotara a língua castelhana desde cedo. Essa mensagem forma parte da ideologia da substituição e da menorização, e não podemos deixar que sigam a enganar-nos.

Isso é o que de jeito breve este texto tentará elucidar.

### 2. ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES.

Ana Paula Andrade (1964) - Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011. [REALIZOU UM RECITAL DE PIANO acompanhada por Raquel Machado.](#)

### 3. ANABELA MIMOSO, CEI - EF UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA PORTO ULHT, PORTUGAL

É membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia em 2010.

Integrará a comitiva dos Colóquios que se desloca a Macau em 2011.

#### **Tema 2.8. Lusofonia e açorianidade: entre o global e os particularismos,**

Sob os auspícios dos Colóquios da Lusofonia temos entendido a "lusofonia" enquanto conceito linguístico, abrangendo, portanto, todos os falantes da portuguesa língua (e não só os naturais dos países que a têm como língua materna ou oficial): «A LUSOFONIA tal como nós nos Colóquios a entendemos, diz respeito aos que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade».

Em nome de uma lógica que nos diz que é a linguagem que enforma o pensamento, não será despiendo falar numa "literatura lusófona", ou seja, uma literatura que, para além da língua, tem várias características em comum que lhe permitem ser reconhecida como pertencendo a um todo. No entanto, nestes mesmos Colóquios, também temos vindo a fazer referência a particularidades regionais das várias literaturas nacionais. Ora, fará sentido falar em literaturas particulares, como a açoriana, nesse contexto da lusofonia?

Partindo do conceito de "literatura portuguesa" (a começar pelas teses de Teófilo Braga sobre o "génio nacional"), pretende-se encontrar as características que a distinguem das literaturas dos outros países que falam português.

Pretendemos também, através desse outro conceito de igualdade/alteridade, questionar o conceito de açorianidade, e tentar perceber como é que ele se integra na lusofonia, bem como equacionar a questão de saber até que ponto as literaturas "regionais" prejudicam/valorizam a aceitação dos autores a elas associadas.

#### **4. ANABELA NAIÁ SARDO, ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E HOTELARIA, UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL**

##### **Tema 1: OS ANJOS E OUTRAS TEMÁTICAS RECORRENTES NA OBRA DE ANA TERESA PEREIRA**

O objetivo principal deste artigo, no âmbito do 14º Colóquio Anual da Lusofonia, é aflorar algumas das temáticas recorrentes na obra da escritora madeirense Ana Teresa Pereira, especificamente nos seus livros *Num Lugar Solitário*, *A Noite Mais Escura da Alma*, *Se Eu Morrer Antes de Acordar*, *Fairy Tales*, *A Coisa que Eu Sou*, *As Rosas Mortas* e *O Rosto de Deus*.

Duarte Pinheiro, no II capítulo da sua tese de doutoramento *Além-sombras: Ana Teresa Pereira* (2010), percorre tematicamente a obra da escritora funchalense, como o próprio afirma, refletindo sobre aqueles que são os dois grandes temas das narrativas desta autora, indispensáveis para compreender a complexidade do seu pensamento: a identidade e a solidão. Na opinião fundamentada deste investigador, estes temas estão “inteiramente relacionados com as personagens das suas histórias, e ainda interligados de forma recíproca e mútua” (Pinheiro, 2010: 297). A par destes tópicos fundamentais aponte-se, igualmente, o do Amor, recorrente no universo obsessivo de Ana Teresa Pereira. São, também, assuntos recorrentes nas narrativas desta autora, a paixão pela Arte, em geral, e pela Literatura, em particular. A sua afeição estende-se à Natureza e apresenta uma peculiar visão da Mulher, bem como uma obsessão pelos Anjos e a crença na relatividade das coisas visíveis.

#### **5. ÂNGELO CRISTÓVÃO, SECRETÁRIO DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

##### **Tema 2.4 "O papel da AGLP no espaço lusófono".**

A Academia Galega da Língua Portuguesa foi criada em 20 de setembro de 2008. Desde esse momento desenvolveu relações com diversas instituições, nomeadamente com a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Junto à atividade institucional, a publicação do *Léxico da Galiza* e a sua inclusão nos vocabulários ortográficos da Porto Editora e a Priberam Informática marcam uma linha de atuação que vai ser intensificada nos próximos anos. O português da Galiza, como variedade do português europeu, começa a ser conhecido e reconhecido no espaço lusófono, o que abre novas possibilidades para uma evolução positiva da questão da língua na Galiza. A presença continuada da AGLP em atividades no âmbito da CPLP converte a academia em interlocutora de facto, abrindo possibilidades de um maior relacionamento bidirecional.

#### **6. ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, Trabalho apresentado por Luís Gonçalves Blasco ("Foz")**

É um dos fundadores da Academia Galega da Língua Portuguesa.

##### **Tema 2.7. As epígrafes do "sonetário" Invenção do Mar, ainda inédito, de Jenaro Marínhas del Valle. António Gil Hernández, da AGLP**

###### **1.- Epígrafe**

Define o FLIP8 da *Priberam* «epígrafe (grego *epigrafé*, -és, inscrição, título) s. f. 1. Título, palavra ou frase que serve de tema a um assunto. - 2. Inscrição.»

E, pela sua parte, acrescenta o *Aulete*: «epígrafe (e.pí.gra.fe) sf. 1 Palavras ou frase(s) que se gravam em pedestal de estátua, placa, medalha, lápide, fachada de edifício etc. - 2 Liter. Título, frase, texto etc., no início de um livro, conto, capítulo, poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação; MOTE. - 3 Jur. Texto que antecede uma lei, esclarecendo-lhe as finalidades e fixando a data de aplicação. [F.: 0 Do gr. *epigraphé*, pelo fr. *épigraphe*.]

###### **1.1.- Reflexões para além da etimologia**

A palavra, como é sabido, usava-se para se referir a inscrições, gravadas em pedra, de caráter comemorativo. Contudo, hoje epígrafe remete a frases ou textos breves antepostos, com fins diversos, a textos ou segmentos de texto de maior extensão.

Antes de continuar e para assinalar qual possa ser o fim procurado pelos autores nas epígrafes que utilizam, permito-me um excuro breve a tempos recuados.

No meu navegar pela rede achei o artigo «Deus Ludens - O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval», de L. Jean Lauand, e nele umas curiosas reflexões, a respeito de uma epígrafe, que o Aquinate tomou da Bíblia. Por sua vez, Jean Lauand faz com que uma frase do próprio Aquinate presida o seu artigo. Ei-la: «*Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae* [O brincar é necessário para (levar uma) a vida humana]» (Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II-II, 168, 3, ad 3).

#### **7. CAIO César CHRISTIANO, UNIVERSIDADE DE POITIERS, FRANÇA**

##### **Tema 2.4 Maluma, takete, bolacha e tablete.**

##### **TRABALHO NÃO RECEBIDO DENTRO DOS PRAZOS**

###### **Maluma, takete, bolacha e tablete.**

Em 1929 o psicólogo estoniano Wolfgang Köhler realizou uma interessante experiência linguística cujos resultados pareciam desafiar o arbitrário do signo linguístico preconizado por Ferdinand de Saussure, patrono da moderna ciência da linguagem, em seu Curso de Linguística Geral.

Quase um século depois, nos debruçamos uma vez mais sobre as curiosas figuras “maluma” e “takete”, propostas por Köhler, e testamos a sua validade para a língua portuguesa.

Primeiramente fizemos um estudo com um grupo de falantes nativos do português para comparar os resultados obtidos com o de outras línguas.

A segunda etapa consistiu na análise de um grande corpus lexicográfico que procurou inquirir se a distribuição dos fonemas em palavras semelhantes a “maluma” e “takete” na língua portuguesa se relaciona, de alguma forma, com o campo semântico.

Trata-se de pesquisa ainda em andamento cujos resultados apresentar-se-ão em detalhes durante a comunicação.

#### **8. CARLA GUERREIRO, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, cartaguerreiro@ipb.pt**

##### **Tema 2.7 CAMINHOS DA ESCRITA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA, NA ATUALIDADE (carlaguerreiro@ipb.pt)**

Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação

Por um lado, escrever representa uma das formas de desafio à morte e à temporalidade a que todos os seres estão sujeitos; por outro lado, ler é também permanecer. E o que é escrever para a Criança? Será escrever para a Infância, criar para um mundo que já não é o nosso?

Na nossa comunicação, refletiremos sobre a escrita contemporânea para Infância de um corpus de autores selecionado e das características temático-formais que ela apresenta, no concernente ao modo narrativo e ao género conto.

Mostraremos, também, como no nosso país, sobretudo desde meados da década de 70 do séc. XX, temos vindo a assistir à autonomização e ao enriquecimento, tanto em termos estéticos como pedagógicos, da Literatura para crianças e jovens.

Quer situando-se num domínio mais próximo da realidade, quer criando universos dominados pela fantasia ou, ainda, através de uma simbiose entre estas duas áreas, a atual narrativa portuguesa para criança oferece ao seu potencial leitor um leque muito variado de temas e facilita uma progressão linguística e semântica adequada ao seu desenvolvimento.

Encontramos na escrita portuguesa contemporânea para a Infância uma significativa riqueza e variedade de propostas, que vão desde a realidade à fantasia, das estórias de animais às narrativas de aventura e de mistério. Todas as temáticas têm cabimento, quando se trata de escrever obras cujos destinatários são as crianças, sendo elas perspetivadas pela sociedade do séc. XX como seres que têm de ser cada vez mais conscientes da realidade envolvente e que são solicitados a participar nessa mesma realidade, de forma ativa. .

### **9. CARLOS ROCHA, ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS TEJO / CIBERDÚVIDAS, LISBOA, PORTUGAL**

#### **Tema 2.1 ELEMENTOS ÁRABES NA HIDRONÍMIA PORTUGUESA**

Estudos etimológicos como os de Hans Krahe (1964) e Edelmiro Bascuas (2002 e 2006) caracterizam os nomes de rios (hidrónimos) de diferentes regiões europeias enquanto membros de um subconjunto toponímico conservador. As raízes destas palavras provêm muitas vezes de estratos linguísticos arcaicos, correspondentes a línguas pouco ou nada documentadas, que pertencem ao tronco linguístico indo-europeu ou a obscuras famílias linguísticas pré-indo-europeias.

No entanto, na Península Ibérica, a hidronímia não foi indiferente a influências mais tardias, verificadas depois da época romana. Com efeito, basta lembrar que o rio conhecido na Antiguidade por *Bétis* — cuja raiz está patente em *Bética*, designação romana de grande parte da atual Andaluzia — é hoje o *Guadalquivir*, do árabe *uad al-kabir*, “rio grande” (José Pedro Machado), eixo político, económico e cultural da Hispânia muçulmana (al-Andalus).

Em território hoje de fronteira, o *Guadiana* ou o arcaísmo *Odiana* (de *uadi ânâ*) são nomes híbridos, nos quais o elemento *Ana* é eco dos tempos pré-romanos, enquanto *Guadi-* (forma castelhana) ou *Odi* (forma portuguesa), de *uad* ou *uadi-*, “rio, vale”, fazem ressoar a nomeação árabe. A estes dois casos somam-se outros

hidrónimos e topónimos, nos quais a análise etimológica identifica unidades morfológicas de origem arábica.

Neste contexto, propõe-se uma breve abordagem à discussão da influência árabe no conjunto da hidronímia portuguesa, visando os seguintes objetivos:

Identificar nomes de configuração total ou parcialmente árabe entre os hidrónimos registados em dicionários etimológicos e repertórios toponímicos.

Sugerir uma avaliação preliminar do impacto da arabização da população peninsular na hidronímia portuguesa. Contribuir para a definição da distribuição geográfica dos nomes em apreço. A análise exploratória de parte do inventário de hidrónimos portugueses evidencia um conjunto importante de formas historicamente híbridas, associando elementos árabes a elementos românicos e pré-latinos; p. ex.: *ode* (<*uadi*) em *Odiana* e em *Odemira* (Beja); e *al-*, do artigo definido árabe, em *Alfusqueiro* (Aveiro) ou *Almaceda* (Castelo Branco). Igualmente de salientar são os hidrónimos afetados por processos fonológicos característicos do árabe peninsular, como é o caso de *Tejo* (do latim *Tagus*).

### **10. CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

#### **Tema 1: DAS CRISTANDEDES CRIOULAS LUSÓFONAS DO ORIENTE À LITERATURA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA, CHRYS CHRYSTELLO PRESIDE À COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

Da colonização britânica e holandesa nasceram Estados. Da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Praticamos o monopólio, destruindo a concorrência mas contando com fidelidades regionais que extravasavam o interesse diplomático, comercial e político da coroa. A língua portuguesa era língua franca; “portugueses” eram todos os que professassem a fé católica; amigos e aliados, todos, os que aceitassem um quinhão nessa comunidade. As “lusotopias” não eram da Coroa mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entreatada das misericórdias. Resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente (Korlai, Birmânia, Malaca, etc.). Foi usada na Tailândia (Ayuthia/Ayutthaya) e, Bangucoque até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas católicas. Os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam a um só reino, uma só nação ou um só hemisfério. Somente gente surda e fechada, não reconhecera que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçando para sempre povos e continentes num destino comum. Ainda hoje estamos rodeados dessa gente mouca e empedernida. O mesmo se passou com os Colóquios. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.

**Dos autores contemporâneos** falarei brevemente de dois que lutam contra os Fados da Humanidade mostrando a globalização da língua portuguesa através da sua visão açoriana do mundo CRISTÓVÃO DE AGUIAR E VASCO PEREIRA DA COSTA. Acolhemos nos Colóquios, como premissa, o conceito de açorianidade formulado por José Martins Garcia que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana

«enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»<sup>1</sup>. Há vários tipos de autores, os açorianos nascidos e vividos no arquipélago (ausentes ou não), os emigrados, os descendentes, os insularizados ou ilhanizados e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destriçar se os podemos incluir a todos nessa designação açórica. Literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

---

**11. CONCHA ROUSIA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**  
Representará a AGLP na comitiva oficial a Macau em substituição de Ângelo Cristóvão

**TEMA 2.4. Língua na Galiza: Poder e responsabilidade CONCHA ROUSIA, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

*Perdida a autonomia, o que resta senão o silêncio?*  
Marilena Chauí

#### 1. Introdução

O estudo que aqui se vai apresentar é uma reflexão sobre dois conceitos e as implicações que o relacionamento entre eles tem para a questão da língua na Galiza. Estes conceitos são poder e responsabilidade, e entendê-los e entender o relacionamento entre eles é fulcral para entender a situação da língua na Galiza.

O presente estudo arranca de uma análise prévia feita por mim sobre a mudança de narrativa linguística que teve lugar na Galiza desde a criação em 2008 da Academia Galega da Língua Portuguesa (Rousia, 2009). A aplicação destes conceitos a questões relativas à língua na Galiza será efetuada desde uma interpretação não-dualista da realidade, uma interpretação desde a perspetiva do envolvimento, para o que se seguirá o discurso exposto pelo professor Evandro Ouriques, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seu artigo “O conceito envolvimento e o caráter político das práticas linguísticas” (Ouriques 2010).

---

**12. EDMA SATAR, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE LISBOA MOÇAMBIQUE** [esatar@hotmail.com](mailto:esatar@hotmail.com)  
EDMA ABDUL SATAR Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

**Tema 2.9 O Sentimento de Tristeza na Prosa de Rui de Noronha,**

Este artigo pretende abordar uma faceta da personalidade do poeta e prosador Rui de Noronha, ressaltando a sua precocidade na observação do ambiente socioeconómico do Moçambique dos anos trinta aos cinquenta, período que incubou uma etapa de vida que antecedeu à mudança do país nos meados dos anos sessenta.

Poeta, contista, narrador, Rui de Noronha salientou-se pela simplicidade da sua vida, pela inquietude sagaz na observação de um meio ambiente que lhe era hostil e pelo amor à terra, tocando quase os contornos do nacionalismo.

Os traços que pretendemos destacar enquadram-se em três facetas resultantes dessa observação sagaz que lhe entraram pela pele e lhe foram minando o corpo e a alma, conduzindo-o a uma tristeza que nunca conseguiu dominar, corroendo-o até à morte.

Considerado um dos maiores poetas contemporâneos moçambicanos, Rui de Noronha não pode ser julgado pelo seu pessimismo em situações que ele próprio considerava difícil de ultrapassar, como a condição racial e as injustiças que daí advinham, nem pelo seu desalento numa vida que desistiu de viver. Analisar a prosa de Rui de Noronha é tocar numa ferida que ainda dói, que não está completamente sarada, ainda que haja a tendência para se diluir neste tempo da globalização.

---

**13. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007**

É patrono dos Colóquios da Lusofonia e dos Encontros Açorianos da Lusofonia desde 2007. Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

---

**14. FRANCISCO MADRUGA, EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS**  
<http://www.calendario.pt>

Convidado a estar presente em anteriores colóquios foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses (e dos Açores) como Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, CHRYS Chrystello, Vasco Pereira da Costa, etc.

Será o editor da futura Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, para fazer parte do currículo escolar dos Açores em 2011/2012.

Igualmente editará a Antologia dos trabalhos dos Colóquios entre 2002 e 2010.

Integrará a comitiva dos Colóquios que se desloca a Macau em 2011.

---

**15. HELENA CHRYSTELLO, VICE-PRESIDENTE DO COMITÉ EXECUTIVO COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

MEMBRO DOS COMITÉS EXECUTIVO E CIENTIFICO DO COLÓQUIO  
PRESIDE AO SECRETARIADO. - MODERADORA

É Vice-Presidente da Comissão Executiva, membro da Comissão Científica e Preside ao Secretariado Executivo dos Colóquios da Lusofonia (em Bragança e S. Miguel, Açores). Foi membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009. Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

---

**16. ILIYANA CHALAKOVA, UNIVERSIDADE DE SÓFIA “ST. KLIMENT OHRIDSKI”, BULGÁRIA**

**Tema 2.7. “Monstruosidade” desmesurada? O exercício de poder sobre o corpo e as variadas mortes no teatro mítico de Hália Correia,**

**“Mesuras” iniciais**

**Objetos mitológicos e objetivos de leituras contemporâneas. Dos velhos achados em novas tonalidades**

<sup>1</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

O presente trabalho insere-se na área da interpretação da experiência literária portuguesa no feminino dos primeiros anos do século XXI, num plano geral, e no segmento da investigação a textos da dramaturgia portuguesa contemporânea, em concreto. O trabalho propõe-se explorar o espaço da reescrita do mito grego em português, dentro do universo específico da obra dramática de Hélia Correia, levantando a questão da forma da abordagem dos temas de uma herança milenar no espaço da literatura (dramaturgia). As respostas gerais que a breve digressão aqui pretende obter são, em primeiro lugar, o(s) porquê(s) de uma re-escrita de mitos na contemporaneidade, por muito já explorados e debatidos em épocas anteriores; de que natureza a lente pela qual é operada a reflexão do fluxo apreciativo, em segundo lugar; e quais os pontos centrais que sobressaem no produto final da reelaboração, em terceiro lugar.

Na linha do anteriormente dito, o trabalho vai à procura das várias formas de exercício de poder sobre o corpo (como um dos pontos sobressalentes), que, por sua vez, levam às mais variadas aniquilações do último. O resultado que a interpretação espera obter é a deteção de variadas direções de exercer esse poder em função com as situações e relações em que se encontram as personagens envolvidas e dependendo também da especificidade genérica, isto é, feminina ou masculina, desses mesmos atuantes. O que se espera que abranja todos os tipos de exercício de poder sobre o corpo é o iminente e irremediável fim trágico, ou seja, a morte, desdobrando-se, por sua vez, em mais variados estados-finais.

Em matéria, a investigação servir-se-á da peça de teatro de Hélia Correia *Desmesura* – Exercício com Medeia. A metodologia de trabalho a ser empregada passa pela leitura e análise textual do exemplo, através de obras e considerações de pensamento crítico em matéria filosófica, social e de interpretação literária. A leitura do texto “ativo” a partir dos tais críticos “passivos” proporcionará a possibilidade de comparação e/ou adequação e fusão a fim de se satisfazerem os objetivos e de se chegar aos resultados pretendidos.

### **17. IOVKA TCHOBÁNOVA, FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA/BULGÁRIA**

#### **Tema 3.2 OS FRASEOLOGISMOS PORTUGUESES DA EMBRIAGUEZ E OS SEUS EQUIVALENTES NA LÍNGUA BÚLGARA**

O objetivo do estudo é analisar, descrever e classificar um rico caudal de unidades fraseológicas do domínio meta da embriaguez na língua portuguesa e procurar os seus equivalentes funcionais na língua búlgara.

Escolhemos o tema da *embriaguez* pelo facto que este não tem sido estudado numa perspetiva contrastiva entre as duas línguas e, sobretudo, à luz das teorias modernas. O modelo teórico e o aparelho terminológico utilizados são os estabelecidos por Pamies & Iñesta 1999 & 2000, Pamies 2002, que, por seu lado, se inspiram na teoria da semântica cognitiva (Lakoff & Johnson 1980) e a teoria dos universais semânticos (Wierbicka 1996).

Com este trabalho propomo-nos verificar se existem mecanismos coerentes e sistemáticos na criação dos fraseologismos, tendo em conta as unidades fraseológicas portuguesas e as búlgaras.

Neste estudo emprega-se a nomenclatura hierarquizada dos modelos icónicos e das arquetipos que permite analisar e ordenar um grande *Corpus* fraseológico

a partir de um pequeno número de modelos concetuais subjacentes, entre os quais se destacam o MOVIMENTO, o CORPO, a AGRESSÃO, o MUNDO ANIMAL e o MUNDO VEGETAL.

Para analisar os mecanismos das projeções metafóricas examinamos um rico material de fraseologismos do domínio meta da *embriaguez*, recolhido por Kroll (1955, 1964-1965) e Tchobánova (em preparação), para o português. Para o búlgaro os exemplos foram extraídos de dois dicionários fraseológicos: *Dicionário Fraseológico da Língua Búlgara* (1974, 1976) e *Dicionário das Comparações Fixas na Língua Búlgara* (1978).

As unidades fraseológicas recolhidas são locuções e colocações, nomeadamente comparações fixas (Corpas Pastor, 1976). Pontualmente, incluem-se os provérbios, onde também há um rico caudal de metáforas. No nosso trabalho serviram-nos como modelo alguns estudos prévios sobre outras línguas como o espanhol, o guarani, o inglês, o russo, o ucraniano, que também tratam o domínio meta da *embriaguez* nas respetivas fraseologias (Tarnovska 2002; Pamies, Lozano e Aguilera 2004, Pérez 2005).

### **18. JOÃO MALAÇA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. FLUL LISBOA, PORTUGAL / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007**

**Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.**

### **19. JOHN REX AMUZU GADZEKO, INVESTIGADOR DEPTº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL / GANA**

#### **TEMA 2.8 “NOÇÃO DE NAÇÃO EM O CÃO E OS CALUANDAS DE PEPETELA**

Cão itinerante, simbolizando homem, sociedade e nação igualmente itinerantes, em viagens peripatéticas no tempo e no espaço, à procura de sobrevivência, essência e identidade. Do microcosmo alegórico do cão, Pepetela permite percorrer, através do quotidiano, as relações na complexa gama caleidoscópica e hierárquica do macrocosmo que é a sociedade luandense/ angolana e, conseqüentemente, indagar sobre a noção de nação na problemática conjuntura pós-colonial.

### **20. LUÍS GAVÃO, Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias LISBOA, PORTUGAL**

#### **Tema 2.9 A CRIATIVIDADE EXPRESSIVA NA OBRA DE MANUEL RUI**

Manuel Rui é um dos autores mais representativos da literatura angolana. Neste trabalho pretende-se demonstrar a riqueza do percurso literário do autor, desde o início dos primeiros trabalhos, de cariz fortemente político-interventivo aquando do período da formação da nação angolana, até ao momento presente, em que se denota um autor muito mais amadurecido e muito mais crítico em relação à evolução social, política e cultural de Angola e dos angolanos.

É através das descrições da natureza do País, das intervenções cheias de vida dos personagens das suas obras, imagens reais da angolanidade atual, que Manuel Rui nos transporta a uma literatura de cariz popular, de recursos de estilo abundantes, com uma originalidade de expressões e de situações permanente, e com a presença infundável de sabores, cheiros, afetos, crendices, humor e costumes angolanos.

Com o recurso à oratura, a sua sensibilidade apurada transmite-nos a impressão de estarmos diante de um mestre espontâneo da ironia e de um crítico contundente perante as injustiças.

Temas como a independência e as perplexidades perante os factos que lhe sucederam, bem como uma reflexão sobre a ação e os comportamentos dos antigos colonos são percorridos, agora, com a distância do bom senso, ao mesmo tempo que não poupa a corrupção, nem a política, e coloca perante o leitor as dúvidas naturais (existência, Deus, amor, ternura...) dum povo que atravessou 41 anos de guerras inimagináveis.

Grande vulto da lusofonia, Manuel Rui pertence àqueles que mais têm contribuído com o sabor tropical, vivo, picante, criativo, da sua escrita, para a inscrição das falas populares, como possível futuro linguístico do português de Angola. Tem várias obras publicadas, e é autor de textos de especialidade cultural e da língua portuguesa.

## **21. LURDES ESCALEIRA, INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, R. P. DA CHINA**

É COORDENADORA DO XV COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM MACAU 2011

### **Tema 2.6 Macau: duas décadas de ensino superior**

A presente comunicação pretende traçar a história do aparecimento do ensino superior em Macau e da evolução verificada nas duas décadas da sua existência.

Goradas as primeiras tentativas de criação e estabelecimento de um ensino superior no Território de Macau (Colégio de S. Paulo, Seminário de S. José e Universidade Internacional de Macau) a população de Macau teve que, durante séculos, ir para o exterior sempre que pretendia frequentar o ensino superior. No início da década de 80 do século passado, estabeleceu-se em Macau a Universidade da Ásia Oriental (UAO), uma instituição de ensino criada com capitais de Hong Kong e que nunca teve como objetivo atrair e formar a juventude de Macau. No período de Transição de Soberania, o governo de Macau sente a necessidade de formar uma elite que pudesse assegurar que Macau, pós 20 de dezembro de 1999, fosse governado pelas suas gentes e, conseqüentemente, considera que é urgente criar o ensino superior público. A aquisição da UAO e a criação, em 1991, da Universidade de Macau e do Instituto Politécnico, duas instituições públicas, bem como um conjunto de medidas de incentivo à elevação das qualificações da população vieram alterar o panorama e, hoje, Macau conta com um número significativo de instituições de ensino superior públicas e privadas. A oferta de cursos superiores, a nível de bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento abrange, atualmente, uma grande variedade de áreas e prevê-se que, no futuro, muitas outras irão ser criadas.

Pretendemos, em simultâneo, ir salientando os cursos relacionados com as Língua e Cultura Portuguesas, os cursos ministrados em Língua Portuguesa e o

papel que estas instituições têm desempenhado na difusão da Língua Portuguesa e no incentivo ao estudo e investigação de temas relacionados com a Lusofonia.

Ensino superior em Macau, Lurdes Escaleira, Instituto Politécnico de Macau

## **22. M.<sup>a</sup> DO CARMO MENDES, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL (MCPINHEIRO@ILCH.UMINHO.PT)**

### **Tema 2.9 - AS VERDADES DA HISTÓRIA NA SINGULAR VISÃO DO CABO-VERDIANO GERMANO ALMEIDA**

O romance *Eva*, publicado pelo escritor cabo-verdiano Germano Almeida, em 2006, apresenta uma vertente política que traduz a visão de um ficcionista pós-moderno sobre os conceitos de nação, racismo e xenofobia. Ao mesmo tempo, a obra questiona a noção de “luso-tropicalismo” enquanto presumível brandura no comportamento do colonizador português com povos africanos colonizados e estima destes perante aquele.

Assim, a comunicação propõe-se analisar:

(1) a apreciação dos africanos em geral e dos cabo-verdianos em particular aos últimos anos da colonização portuguesa;

(2) o delicado processo de independência do arquipélago descrito no romance;

(3) o conflito entre o desejo de liberdade dos povos oprimidos e o autoritarismo repressor do colonizador;

(4) a evolução política, cultural e mental de Cabo Verde depois da autonomia;

(5) a visão do universo feminino africano metaforizado na protagonista da obra; (6) os atos de crueldade e de racismo como mecanismos problematizadores do conceito de “luso-tropicalismo”.

## **23. M.<sup>a</sup> ROSA ADANJO CORREIA, CLEPUL (CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS), (CLEPUL), Grupo de Investigação 2 - Literaturas e Culturas Africanas, desde 2008 UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL**

### **Tema 3.1. Reflexões em torno das traduções italiana e inglesa de A Varanda do Frangipani<sup>3</sup>**

Mia Couto, criou um discurso “novo” construído a partir de múltiplos jogos, originando uma forma “oralizante”, própria da narrativa tradicional africana.

Senhor de um grande domínio da língua portuguesa, nunca cria a partir do “nada”, reinventa o português europeu nas áreas lexical e semântica através de uma espécie de “alquimia” linguística, “des-construindo” e “re-construindo”. Deparamo-nos, assim, com uma prosa moldada pela poesia, alimentando um discurso único, submetido a jogos lexicais, gramaticais e de transgressão ao padrão do português europeu. Adivinhamos um processo lúdico, uma criação de artista, uma cirurgia estética, que junta sons, cores, formas, sensações e conceitos sem verosimilhança aparente com a realidade.

Prefixação e sufixação convertem-se em armas que usa com destreza para incorporar às diferentes categorias gramaticais, suscetíveis de variação morfológica, matices semânticos. As palavras partem de elementos conhecidos para procurarem significados compósitos e inexistentes até então, ou substituírem

<sup>3</sup> White, Michael; Gribbi, John, Einstein, Publicações Europa-América, Lisboa, 2004, p. 283.

outras em expressões de sentido comum para lhes alargar ou mudar o sentido, ou brincarem com a proximidade do oral.

São imensos e imprevisíveis os resultados dos procedimentos a que o autor recorre para recriar uma linguagem que traduza a magia dos ambientes onde se movem as suas personagens e poder mergulhar nas profundezas da ancestralidade afro-moçambicana.

Serão analisadas as soluções encontradas pelos tradutores relativamente à linguagem inovadora de Mia Couto, nomeadamente os neologismos, jogos de palavras, sintaxe, referências específicas do universo moçambicano e lusófono.

#### **24. MANUEL JOSÉ SILVA, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA**

##### **Tema 2.4 Da latindade à romanidade ou a procura da génese nacional.**

A língua pode ser um fator muito importante na construção da identidade de um povo e das suas fronteiras geográficas. Mas não é o único. Na verdade, a História condiciona a formação dos diversos Países e condicionou, em particular, a de Portugal, uma nação de língua românica.

Por vezes, confunde-se latindade e romanidade. Não há, atualmente, povos que falem o latim como língua materna. No entanto, as suas línguas, chamadas românicas, têm uma origem comum: o latim falado (tardio). Quando esta língua deixou de ser falada e compreendida, tendo evoluído de um modo diferente nas diversas regiões, às novas línguas, resultado desta lenta evolução diferenciada, foi dado o nome de romance e, posteriormente, de línguas românicas.

A breve evocação da História leva-nos a compreender a sua influência na génese da formação de Portugal e da língua portuguesa. De facto, com a fundação da *Portucalensis Provincia*, subordinada à monarquia leonesa, e com a criação do reino luso no século XII, a língua comum do Norte da Península começa, paulatinamente, a cindir-se em duas línguas: o português e o galego. Nenhuma razão de ordem linguística, geográfica, cultural ou carateriológica separou os Portugueses dos Galegos. Apenas a História os dividiu.

No século XVI, o português da Corte, da alta burguesia e, sobretudo, dos homens de letras afastou-se definitivamente da língua galega. Nos nossos dias, porém, estas duas línguas românicas aproximaram-se e caminham 'lado a lado'.

#### **25. SEBASTIÃO FILHO, CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – CLUNL, Portugal**

##### **Tema 2.7. MORFOLOGIA SUFIXAL LUSÓFONA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU.**

Tendo como pano de fundo a morfologia lusófona, esse trabalho apresenta um estudo preliminar sobre a formação sufixal contrastiva entre o Português do Brasil (PB) e o Português Europeu (PE). Trata-se de uma pesquisa com base em *corpora* do PB e do PE (digitalizados e morfossintaticamente etiquetados), com foco na formação sufixal nominal contrastiva. Por uma ótica descritivista, a falta de tratamento sistemático dos contrastes de formação de sufixos nominais em PB e em PE (como *virada* (PB) / *viragem* (PE); *sujeira* (PB) / *sujidade* (PE)) pode resultar em uma avaliação falseada do uso de ambas as modalidades. Isso traz um claro impacto para os domínios da linguística aplicada, como, por exemplo, o do ensino do português como segunda língua e o de tradução, além de outros campos

multidisciplinares, como a área de Processamento de Linguagem Natural (PLN). Nessa etapa da pesquisa, privilegiaram-se os sufixos que formam nomes, uma vez que as nominalizações revelam um alto teor de poder discriminatório (função denominativa), se comparadas a outras partes do discurso. Portanto, em função do grau de relevância dos nomes para a Teoria da Informação, optou-se por descartar, por ora, os contrastes de formação de sufixos adjetivais (como *carente*, no PB/ *carenciado/carente*, no PE) e verbais (*potencializar*, no PB / *potenciar/potencializar*, no PE).

#### **26. PAULA LIMÃO, UNIVERSIDADE DE PERUGIA, ITALIA. DEPAIVA@ALICE.IT; DEPAIVA@UNIPG.IT**

##### **Tema 2.6 A aquisição das estruturas temporais e aspetuais do Português LE por aprendentes italianos**

*No âmbito do ensino do português como língua estrangeira, a aquisição das estruturas temporais e aspetuais é certamente um processo que apresenta um grande leque de problemáticas.*

*Essas problemáticas relacionam-se com o facto de o sistema verbal ser, na maior parte das vezes, apresentado não sob um ponto de vista contrastivo, mas submetido à estrutura explicativa das gramáticas da L1.*

*O discurso metalingüístico da L1 e a sua terminologia, mesmo quando estamos em presença de línguas estruturalmente semelhantes, como no caso do português e do italiano, apresenta-se muitas vezes como insuficiente ou pouco compreensível ao aprendente estrangeiro.*

*Ainda que o desenvolvimento dos aspetos tempo-aspetuais se tenha tornado, nos últimos anos, tema de investigação dos estudos sobre a aquisição da LE e da L2 (Klein, 1986; Anderson, 1991; Bardovi-Harlig, 1992; Housen, 1995; Dietrich, Klein e Noyau, 1995 e Ramat, 1995), para o caso do binómio português – italiano, não possuímos, ainda hoje, pesquisas quer de âmbito contrastivo quer de carácter glotodidático.*

*Por esse motivo revela-se fundamental, não só, a articulação das reflexões da linguística contrastiva e da linguística aquisicional de modo a permitir o aperfeiçoamento do processo de ensino/aprendizagem com a elaboração de materiais adequados, mas igualmente, a consideração dos resultados da linguística aquisitiva para a elucidação das estruturas funcionais da língua.*

*Na nossa abordagem propomos rever alguns aspetos relativos à temporalidade e aspetualidade das duas línguas em análise e de propor para as diferentes fases de aquisição, estratégias de ensino que possam obviar à dificuldade da aprendizagem do mesmo, tendo em conta o nível de conhecimento metalingüístico possuído pelo universo dos aprendentes em questão.*

#### **27. PERPÉTTUA SANTOS SILVA, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA – CIES-ISCTE**

##### **TEMA 2.7 NARRATIVAS DA DIFERENÇA. UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE MACAU. Perpétua Santos Silva, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE – IUL**

No decurso do período em que se preparou a transferência da Administração de Macau de Portugal para a República Popular da China, foram inúmeras e variadas as atividades e iniciativas levadas a cabo para promover uma imagem do

território valorizando a sua condição de ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente e a sua *identidade cultural singular*. Situação sujeita a várias interpretações, umas negativas outras positivas. Se por um lado se fizeram ouvir vozes criticando o que se presumia configurar uma forma de dar continuidade à presença colonial após 1999 através da enfatização de ícones culturais e patrimoniais de origem portuguesa, por outro lado também se considerava que este perfil sociocultural diferente iria possibilitar à futura Região Administrativa Especial a manutenção de um estatuto distinto de qualquer outra cidade chinesa, evitando o apagamento da memória de mais de quatro séculos de história e a perda de identidade da cidade atravessada por profundas alterações espaciais, demográficas e políticas.

Decorrida a primeira década do estabelecimento da RAEM, procuraremos apresentar algumas pistas de reflexão sobre a forma como Macau convive, hoje, com o seu passado histórico, abordando o caráter instrumental da memória e da sua construção no presente como referente de uma imagem distintiva da cidade por parte do poder instituído e considerando as apropriações várias a que determinados ícones são sujeitos constituindo-se como marcadores sobre os quais é alicerçada a “questão da diferença” de Macau e em Macau. O grupo musical “A Outra Banda” na sua interpretação destes poemas de Adé, entrecorta-os dizendo: Macau assim antiga de quintal, poço e pomares vai vivendo cada vez mais só na memória dos que nela assim cresceram e assim a amaram. Mas Macau já não é assim. Macau hoje, do Jetfoil, das pontes e à espera dos aviões, tem outra vida: é terra de progresso misturado com tristeza aqui e muita confusão por ali...

## **28. RITA ARALA CHAVES, INSTITUTO POLITECNICO DA GUARDA, UDI; PORTUGAL**

### **TEMA 3.1. EÇA TRADUTOR, OU A METAMORFOSE LITERÁRIA DE “AS MINAS DE SALOMÃO”**

Pretendemos com esta comunicação percorrer, de forma breve, os caminhos que nos levam à definição do Eça Tradutor. Traçaremos um breve retrato do percurso translatório queirosiano – circunscrito ao âmbito de *As Minas de Salomão* – demonstrando que esta sua faceta, passível embora de ser caracterizada, não é realmente algo que possamos capturar e definir na sua essência, de forma estanque, sem recurso ao conhecimento que temos das outras vertentes de Eça, ou até, *dos outros Eças*, nomeadamente o Romancista, o Cronista e o Jornalista. É precisamente a fusão das suas múltiplas facetas que o tornam tão singular. Referiremos sinteticamente a problemática relativa à autoria da tradução da obra supracitada, e focaremos a nossa análise nas marcas queirosianas distintivas n’*As Minas de Salomão*, as quais, no nosso entender, demonstram claramente que a autoria da tradução é de Eça. Neste contexto de *lusofonias*, qual a relevância de abordar um aspeto pouco conhecida e porventura mais polémico de o consagrado escritor luso? Com o intuito de fornecer uma resposta, valemo-nos das palavras de Jacinto do Prado Coelho (1976: 70): “Justifica-se a inclusão das traduções bem-sucedidas, criadoras, na história da respetiva literatura nacional; elas vieram enriquecer o património comum, vieram eventualmente fecundar essa literatura, provocando o surto de obras originais; impõe-se, em consequência, que se atribua ao tradutor o estatuto literário de escritor.” No caso de Eça, consideramos que se impõe atribuir-lhe, para além do inegável estatuto literário de escritor, aquele de

tradutor, uma vez que, apesar de a sua tradução se afastar frequentemente do texto original, mantém sempre com este traços de unidade, estabelecendo uma conexão paradoxal de constante aproximação e afastamento, porventura uma relação binária à semelhança da prosa queirosiana, donde o resultado final é claramente metamórfico, não deixando todavia de transmitir, praticamente incólume, o fio da narrativa do original.

## **29. ROLF KEMMLER, DEPTº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL**

### **Tema 2.5. O PAPEL DO SEGUNDO PROTOCOLO AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990 NA HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA**

No ano de 2011, comemorar-se-á o primeiro centenário do sistema da ortografia simplificada, o qual, como sabemos, chegou a ser implementado em consequência da instalação do sistema republicano em Portugal, sendo resultado dos esforços incansáveis do grande filólogo português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914) para alcançar um sistema de ortografia simplificada em Portugal.

Se bem que tenha havido aproximações anteriores, é notável que desde então se deu o que se poderá chamar de “desentendimento ortográfico luso-brasileiro” que foi determinando a discussão ortográfica durante grande parte do século XX.

Torna-se, no entanto, óbvio que nem sempre – ou melhor quase nunca – as razões que levaram ao fracasso do número considerável de tentativas que procuravam estabelecer uma aproximação luso-brasileira em matéria ortográfica terão sido de natureza linguística ou mesmo ortográfica.

Ainda hoje, não se pode deixar de observar que boa parte da discussão sobre o acordo ortográfico, que infelizmente chegou a ser revitalizada nos últimos anos pelos detratores desta medida perante a ‘ameaça’ da implementação imediata do acordo ortográfico de 1990, esteja marcada por traços emocionais que parecem, antes de mais nada, extralinguísticas.

Com a nossa comunicação pretendemos esclarecer o papel do segundo protocolo ao acordo ortográfico à luz da história da ortografia simplificada em geral e do acordo ortográfico de 1990 em especial.

## **30. ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA**

Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

### **TEMA 1. ABÍLIO, FERNANDO, GIBICAS E ADRIANO: A AÇORIANIDADE NO ENTRE CÁ E LÁ...**

Desde sempre que a infância se tem vindo a firmar como tema privilegiado de artistas, escritores e poetas, que tanto a evocam como “âge d’or” irreversível como irrevogavelmente deploram o seu pendor traumático. Paraíso ou Purgatório perdidos, mas invocados pela pena do adulto que se deleita na sua revisitação, eufórica e disfórica, não raro surge a meninice como etapa inicial e iniciática da aprendizagem de vida, mercê da relação (e inversão ou subversão...), mais ou menos conflituosa, entre o mestre e o discípulo, coadjuvada pela figura do cúmplice.

Assim é que o nemesiano Abílio se vê forçado a rumar ao Brasil por ser “cabeça de boga” ou, mais bem dito, por obter no exame a menção de suficiente, que tanto desilude seu pai e afasta Lucinda, sua namorada, como consolida a amizade por Matesinho, aprovado com distinção. Por sua vez, Fernando (“A leitura da Bíblia” de Cristóvão de Aguiar), ao questionar as inquestionáveis verdades bíblicas lidas ao serão ‘clandestino’, torna-se vítima quer da ameaça de excomunhão por parte do Sr. Padre, quer dos “picanços aguçados” de uma cana-da-índia com que o progenitor recompensa o seu espírito crítico, tido por heresia, arrependendo-se, entretanto, do castigo infligido e anelando embarcar para a América, paradigma de liberdade. Uma visão diferente do Novo Mundo tem Gibicas, herói da novela epónima de Vasco Pereira da Costa, que, professor de ‘Vitalogia’, verbera os Americanos da Base por defraudarem as expectativas remuneratórias do *pater familias* (despedindo-o quando desnecessário...) e refuta o coro dos “Thank you”, hino à prepotência orquestrado por Mestre Honório. Nos antípodas de Gibicas vem Adriano (Onésimo Teotónio Almeida), variavelmente focalizado, renegar as suas origens terceirenses, patentear o seu ódio pelos micalenses, jactando-se com as suas “bísinas”, ultrapassando a sua condição humilhante de emigrado e triunfando, mercê do seu pragmatismo, como aculturado ‘(USA)landês’.

No *entre cá e lá*, vai-se esboçando, numa perspetiva diacrónica, o conceito-imagem de açorianidade, filtrado pela convergência e divergência de olhares, submissos e irreverentes, de homens de palmo e meio, ‘vencidos da vida’ ou dela vitoriosos.

*Nucibus relictis* (quando deixamos de jogar às nozes)

Um *home* é um *home* (Cristóvão de Aguiar, 2003: 95)

### **31. RUI GUIMARÃES, DEPTº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL**

#### **Tema 2.8 O BARROSÃO, INSULARIDADE NA INTERIORIDADE. ASPETOS ETNOLINGÜÍSTICOS E ETNOCENTRISMO, RUI DIAS GUIMARÃES, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras**

No presente estudo abordamos aspetos do dialeto barrosão, como identificado por *Guimarães* (1998, 2002), que se desenha como uma espécie de insularidade na interioridade, focando sobretudo dimensões etnolinguísticas, como variação, na aceção de *Coseriu* (1981 b, p. 17) em que a linguagem reflete saberes locais, hoje em diálogo multicultural com o saber global *Geertz* (1986), considerando níveis fonético-fonológicos, lexicais e semânticos mas que configuram, através da sua personalidade linguística própria, não só uma experiência linguística mas também uma competência extralinguística, ou cosmovisão, criando mosaicos linguísticos, em que a própria língua se envolve, constituindo, no caso do espaço da lusofonia, uma vertente de criatividade, em que a competência extralinguística arrasta ideias e crenças sobre as coisas, como é visível através das crenças e tradições de Barroso, segundo *Fontes* (1972) ou os próprios aspetos da medicina popular, segundo *Fontes e Sanches* (1995).

Se, por um lado, à força etnolinguística se pode aliar a criatividade, hoje bem patente na variedade linguística do português no amplo espetro da lusofonia, o conservantismo linguístico pode pender para o conservadorismo, comportando-se como ideologias e obstruindo o desenvolvimento de valores, no sentido de *van Dijk*

(1998:357) abrir as portas a um etnocentrismo como uma forma de racismo moderno, obstruindo o multiculturalismo e a perspetiva multicultural da etnolinguística, impondo-se, portanto, no caso da lusofonia, uma etnolinguística como variação e comunicação linguística da mensagem cultural, segundo *Pottier* (1970:3) e cada vez um maior contacto e divulgação da “via láctea da lusofonia” tendo por base os mosaicos etnolinguísticos e o conhecimento e o respeito do maior número de diversidades, sem perder a unidade nem resvalar no etnocentrismo reducionista, hoje condenado pela própria ONU.

### **32. SOLANGE PINHEIRO, UNIVERSIDADE SÃO PAULO, BRASIL**

#### **Tema 3.1 Tradução monocultural e intercultural: léxico regionalista na literatura do século XX no Brasil – A Bagaceira e o Romance d'A Pedra do Reino**

A literatura brasileira do século XIX concentrava-se, em sua maior parte, nos acontecimentos que tinham por cenário a corte imperial na então capital, o Rio de Janeiro. Contudo, desde a segunda metade do século XIX, percebemos um interesse em relação aos centros mais distantes, demonstrado, entre outros autores, por José de Alencar, Franklin Távora e Oliveira Paiva. Essa iniciativa teve continuidade no século XX, quando presenciamos o surgimento da literatura chamada, por muitos críticos e escritores, de regionalista. Entretanto, ao longo do século XX, observamos uma mudança significativa nessa área: o regional, antes visto como algo exótico, distante da realidade urbana, passa a ser considerado palco de acontecimentos tão importantes quanto os ocorridos nas cidades. Essa alteração pode ser percebida pela presença, em certas obras, de glossários ou notas explicativas, que tinham por objetivo diminuir a possível estranheza que leitores urbanos sentissem em relação a temas distantes de sua realidade quotidiana. Um dos mais conhecidos livros pertencentes ao chamado ciclo regionalista, “A Bagaceira” (1928), de José Américo de Almeida, traz um glossário, no qual o léxico referente à cana de açúcar é explicado minuciosamente; já autores mais contemporâneos abrem mão desse recurso, deixando de lado a tradução monocultural, permitindo que o leitor urbano entre em contato com a realidade exposta nas narrativas regionais sem o intermédio das explicações e das notas. Esse é o caso de “O Romance d'A Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna (1971), no qual o léxico regionalista é parte integrante da narrativa e do cenário em que se desenrola a narrativa. O objetivo de nosso trabalho, portanto, é fazer uma comparação entre as duas obras, mostrando como nelas o léxico é apresentado ao leitor, e quais as possíveis consequências das duas diferentes posturas na receção das obras na atualidade.

### **33. VÂNIA REGO, UNIVERSIDADE DE POITIERS, FRANÇA**

#### **Tema 2.7. “Hoje o tempo não me enganou” temporalidade no romance Nenhum Olhar de José Luís Peixoto**

“Hoje o tempo não me enganou” temporalidade no romance *Nenhum Olhar* de José Luís Peixoto

Quando lemos o romance *Nenhum Olhar* de José Luís Peixoto, somos confrontados com uma narrativa lenta e que envolve o leitor num ritmo temporal que ora perpetua os gestos quotidianos ora define o caminho até à eternidade. O presente trabalho tem como objetivo principal o estudo da temporalidade – ordem,

duração, frequência, entre outras categorias – no romance acima citado, tendo como bases de referência as teorias de Ricoeur, Genette e Todorov.

A temporalidade no romance *Nenhum Olhar* é muito marcada pela subjetividade do tempo nos romances fantásticos, no entanto, podemos encontrar ao longo da sua análise aspectos característicos de outros tipos de narrativas ficcionais, como o conto, por exemplo. Partindo de uma análise explicativa dos diferentes planos temporais do romance, assim como das diferentes expressões que indicam o tempo e que se cruzam e confundem ao longo do texto, poderemos concluir quais as consequências imediatas que a temporalidade provoca no enredo narrativo.

*Nenhum Olhar* é um romance com características líricas e fantásticas no qual cada personagem vive o tempo de uma forma diferente e onde quase todas as personagens têm voz e se exprimem, criando a impressão de substituição do narrador. A subjetividade inerente a cada personagem faz com que de cada vez que uma personagem se exprime, a sua perspetiva sobre o tempo seja influenciada pelas vivências pessoais, pelos pensamentos, pelas dúvidas ou pelas suas descobertas.

Utilizando exemplos textuais, podemos centrar a nossa análise sobre a influência que a voz narrativa e a escolha da perspetiva de focalização têm sobre a temporalidade neste romance, mostrando que o tempo se apresenta de forma cíclica, o que permite a reflexão sobre o destino trágico da humanidade, sobre a oposição das figuras do tempo e da eternidade e sobre a questão da formação existencial do Homem.

#### **34. VANISE MEDEIROS, UFF/FAPERJ), UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, RIO DE JANEIRO, BRASIL**

##### **Tema 2.7 BRASILEIRISMOS: UMA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E SUJEITO NACIONAL\* VANISE MEDEIROS (UFF/FAPERJ)**

O trabalho a ser apresentado faz parte de uma pesquisa cujo escopo é a discursividade sobre *brasileirismos* do século XX aos dias atuais. Noção consolidada no século XIX; no entanto, complexa: de diferentes procedências, os *brasileirismos* ora indicavam cultura a ser registrada, ora, língua a ser demarcada. Foram muitos os sentidos de *brasileirismos* no século XIX e sua coleta adentrou o século XX. Com este trabalho, pretende-se resgatar sua historicidade e pensar a Língua Portuguesa a partir daquilo que vai sendo proposto como da formação da língua a fim de contribuir para uma reflexão sobre a relação entre língua e sujeito nacional. O foco para esta comunicação centra-se em uma das esferas de investigação da pesquisa, a saber: dicionários dos anos 50 em diante. Em pesquisas anteriores, foi observado que a designação *brasileirismo* foi deixando de comparecer em títulos de dicionários a partir dos anos 60 do século XX. Daí as questões que norteiam esta comunicação: até que ponto haveria uma relação entre o desaparecimento dos *brasileirismos* e a denominação da língua que aqui ocorre como Língua Portuguesa na década de 40? Até que ponto tal desaparecimento é

4 Este trabalho faz parte de uma pesquisa, intitulada *Dizer (d) o brasileiro: língua e sujeito*, que venho desenvolvendo com apoio da FAPERJ. Parte do que está sendo exposto encontra-se no respectivo projeto, a ser publicado em capítulo de livro pela UERJ.

efeito de um imaginário de língua já constituída? Qual o lugar do *brasileirismo* nesse imaginário de língua?

Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que se debruça sobre os estudos acerca da Língua Portuguesa e sobre a memória da língua.

Como suporte técnico-metodológico, preservam-se dois campos do saber do projeto, quais sejam, a Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux e Orlandi) e História das Ideias Linguísticas (Auroux).

*...uma língua não vive por si;*

*é preciso aí ver a incidência do político.*

Orlandi, 2005.

#### **35. VASCO PEREIRA DA COSTA, ESCRITOR CONVIDADO ESPECIAL DOS COLÓQUIOS**

Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

